

# **AMOR ET VIOLENTIA: A REPRESENTAÇÃO DO HOMOEROTISMO NOS CARMINA PEDERÁSTICOS DE CATULO E DA VIOLÊNCIA NOS EPIGRAMAS DA PRIAPEIA LATINA**

Elivelton Souza da Silva (UEA)<sup>1</sup>  
Carlos Renato R. de Jesus (Orientador/UEA)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tenciona, em linhas gerais, interpretar a representação do homoerotismo nas produções poéticas pederásticas catulianas e da violência na chamada *priapeia* latina da Roma antiga, sob a noção do pensamento antigo a respeito de sexualidade. Para tanto, foram selecionados 10 poemas, sendo 05 dos *Carmina Catulli* e 05 da *Priapeia* latina. Com este artigo, pôde-se compreender o retrato sócio-cultural que emerge a partir dessas representações, e, ainda, associá-las à forma com que as relações pederásticas catulianas e a violência na *priapeia* latina alinham-se a questões mais gerais, como poder, prazer e estratificação social.

**Palavras-chave:** *catulli carmina*; *priapeia* latina; pederastia; homoerotismo; violência.

## **INTRODUÇÃO**

Os estudos de gênero, sexualidade e até mesmo das representações da violência em diferentes contextos sociais têm ganhado cada vez mais espaço dentro do ambiente científico, uma vez que tais estudos têm contribuído para o debate do significado e dos efeitos de sentido que têm a sexualidade, o sexo, as relações amorosas e a violência social em diversas culturas ao longo do tempo e do espaço. Com isso, este artigo tem por intuito interpretar as representações da poesia homoerótica na poesia romana antiga, especificamente nos poemas de teor erótico de Caio Valério Catulo (87 ou 84 a.C. - 57 ou 54 a.C.) e nos poemas e epigramas da chamada poesia *priapeia* (data-se a produção desses textos entre os anos I a.C – I d.C). O princípio que norteia esta pesquisa pode ser entendido por meio da inquietação a respeito de como temas voltados ao homoerotismo e, em adição, à violência, são abordados na literatura latina. Acreditamos que a Antiguidade clássica muito tem a oferecer em termos literários e culturais para a compreensão das manifestações literárias relacionadas à temática ora exposta. Isso porque torna-se indiscutível a presença de uma cultura particular homossexual e também violenta presente em diversos gêneros literários, e que ainda escapam a uma interpretação e análise pertinentes na academia. Como forma de preencher essa lacuna, embora, ainda, de modo

---

<sup>1</sup> Graduado do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas.

<sup>2</sup> Professor do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas.

Composição da banca: Prof. Dr. Carlos Renato R. de Jesus (Orientador); Profa. Me. Berenice Coroa Carvalho (UEA) e Profa. Me. Elaine Pereira Andreatta (UEA).

Local: Escola Normal Superior – Sala Nivaldo Santiago.

Manaus, 07 de dezembro de 2018.

muito incipiente, pretendemos resgatar alguns aspectos da poesia homoerótica da civilização ocidental, no berço em que ela mesma se insere e se origina: a cultura e a civilização romana. Em contraste com a representação do homoerostismo, os estudos a respeito da violência, tanto na cultura romana quanto nas produções literárias, revelam-nos uma sociedade falocêntrica envolvida pelas relações de poder e estratificação social. O recorte realizado envolve textos originais da poesia romana presentes na obra de autores significativamente representativos da literatura latina, como Catulo, e em obras direcionadas a divindades greco-romanas cultuadas por representarem o erotismo, como o deus Priapo (a poesia em homenagem a esse deus é chamada de “poesia *priapeia*”).

Tais análises poderão contribuir para o entendimento de questões que englobam a sexualidade, o sexo, as relações de cunho amoroso e a violência na Antiguidade Clássica a fim de levantar reflexões a respeito dos comportamentos violentos e homoeróticos, este ainda tido como tabu na atualidade.

Para tanto, este artigo está dividido em três seções. A primeira traz um panorama a respeito do pensamento antigo a respeito da sexualidade, e como tais comportamentos, que hoje conhecemos como homossexuais, eram vistos diante da sociedade romana. A segunda seção explora a representatividade homoerótica na obra de Catulo, os *carmina Catulli*. Por fim, a terceira seção trata dos textos da *priapeia*, tendo como foco a questão da violência de um deus para com homens e a utilização de seu falo como castigo.

## **1. Sexualidade na Antiguidade Clássica**

Para iniciar nossa discussão, precisamos entender que a concepção de heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade etc. são conceitos adotados na contemporaneidade e que catalogam questões da sexualidade do homem. Foucault (1999) nos esclarece que essas nomeclaturas só começaram a ser usadas a partir do século XIX, quando a Psicologia se desenvolve, e o sexo começa a tomar espaço das análises e estudos mais específicos. A esse respeito, Puccini-Delbey (2007, p. 13) declara:

Na sociedade ocidental actual, com efeito, baseamos as nossas categorias sexuais na oposição dos sexos biológicos e nas categorias de um e do outro. E dividimos os indivíduos em três categorias: os heterossexuais, que têm relações com um parceiro do sexo oposto, os homossexuais, cujo parceiro sexual é do mesmo sexo, e os bissexuais, que têm parceiros de ambos os sexos.

Todavia, para entendermos como as grandes civilizações clássicas, Grécia e Roma, concebiam tais comportamentos torna-se necessário compreender que tais abordagens modernas não se aplicam diretamente a essas sociedades, uma vez que no mundo antigo os valores, tradições e práticas culturais eram muito diferentes. Logo, seria anacrônico atribuir noções modernas a questões culturais e sociais de uma época tão distante à nossa. Assim, Puccini-Delbey (2007, p. 13) afirma que “em Roma, a diferença baseia-se não no sexo biológico, mas sim nos estatutos sociais e nas classes etárias, que implicam um papel sexual a adoptar, activo ou passivo.”

A virilidade, para a sociedade romana, possui um papel de extrema importância na concepção de sexualidade. E isso estabelecia-se pelo fato de terem adotado uma hierarquia de poder sobre o *status* do cidadão livre romano, ou seja, a sociedade romana se dividia em dois grupos de identidade masculina: o homem livre – que deveria ser o ativo e, portanto, penetrador – e o indivíduo não livre, de *status* inferior – seria o passivo, o penetrado. Portanto, entendemos que na Antiguidade não havia uma “reprovação” ao comportamento homoerótico, mas sim à “efeminação”<sup>3</sup>. A essas situações, Veyne (2008, pp. 233-234) nos diz que:

Ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro dito passivo. Ter prazer virilmente ou dar-se servilmente era tudo. A passividade era um dos efeitos da falta de virilidade, a qual era muito valorizada em uma sociedade que não distinguia o comportamento homossexual do heterossexual, mas que prestava uma atenção exagerada a toda atitude que revelava a falta da virilidade, nos gestos, na fala ou no vestuário.

No que diz respeito às relações sexuais entre homens, estas deveriam sempre ocorrer se eles pertencessem a *status* sociais diferentes; nisso pode-se considerar a forte influência da hierarquia social no sexo. Dessa forma, são vistas relações de poder e divisão social entre as relações homoeróticas romanas, separando o que é permitido e não permitido nessas relações. Assim, Roma adotava protocolos que tinham como função manter certa ordem dentro da estrutura social romana. Segundo Williams<sup>4</sup> (1999, p. 18), “em Roma, haviam três protocolos de sexualidade: de atividade, de cidadania e de idade, cada um com diferentes implicações.”<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> A respeito do termo “efeminado”, Veyne (2015) comenta que sua utilização traz, no conceito atual do termo, o sentido de um homem que assume um comportamento que tradicionalmente se atribui às mulheres.

<sup>4</sup> Tradução nossa de: “In Rome, there were three sexuality protocols: activity, citizenship and age, each one with different implications.”

<sup>5</sup> Todas as traduções de textos de língua inglesa e/ou espanhola foram realizadas por mim, exceto quando indicadas em notas.

Esses protocolos separavam aqueles que tinham como função ser o ativo e aqueles que deveriam ser passivos em uma relação entre dois homens.

Mora (2014, p. 65) nos esclarece que:

Segundo esse protocolo, a sexualidade é definida como ativa (a própria do *uir*) e passiva (de todos os outros). Com o efeito, o *uir* é o homem romano na sua qualidade de cidadão com direitos e obrigações. A propriedade intrínseca do *uir* é a *uirtus*: a sua qualidade de homem, a sua potência sexual, que o contrapõe à mulher. Esta potência, basicamente dominadora, deve ser exercida em todas as situações: na política, na milícia, em casa (como *páter-familias* como poder absoluto sobre a mulher, filhos e escravos) e no ato sexual que é um ato de dominação.

No segundo protocolo que Willians (1999) nos aponta, o de cidadania, estabelece-se a quem irá pertencer cada papel, ativo e passivo, em uma relação homoerótica. De acordo com Puccini-Delbey (2007, p. 116) “os cidadãos romanos não podem ser vítimas de punições corporais, nem de assédio sexuais ou violação; também não devem ser sexualmente penetrados”. O papel da cidadania na Antiguidade reflete uma divisão social bastante evidente na sociedade romana, visto que o cidadão romano possuía a sua disposição decretos que lhe davam poder e autoridade de se satisfazer sexualmente pelo simples fato de ser romano. De acordo com Mora (2014, p. 92) “não eram apenas os *uiri* que eram impenetráveis pela sua condição de cidadãos, também eram as mulheres romanas e os *praetextati*.<sup>6</sup>”

Por fim, o terceiro protocolo estabelecido por Willians (1999), que definia a sexualidade romana, estabelecia-se pela da idade. Se o localizarmos em nossa sociedade contemporânea, esse protocolo reflete-se no que podemos denominar de ‘pedofilia’. Todavia, é completamente anacrônico um estudioso atribuir tal concepção a uma sociedade tão distante da nossa, historicamente. No contexto da Antiguidade Clássica, o protocolo de idade não era um empecilho para uma relação de cunho sexual, visto que os romanos estabeleciam dois grandes motivos para tanto. Frente a isso, nos diz Mora (2014, pp. 115-116):

O primeiro motivo, era uma questão estética, mas que se aplica indistintamente a homens e mulheres. Na literatura latina, tão facilmente encontramos o desprezo por homens peludos como por velhas de peles descaídas. O segundo, era uma questão de mais que não ser, não parecer penetrado. (...) Era mais ou menos calro para os romanos que os rapazes impúberes só poderiam desempenhar a parte passiva da relação.

---

<sup>6</sup> Segundo MORA (2016, p.92) “*Praetextati* correspondia aos jovens livres, mas ainda não *uiri*, pois ainda não usavam a *toga uirilis*, ou seja, aqueles que não haviam ainda atingidos a maturidade sexual.”

Portanto, a Antiguidade Clássica atribuía grande importância à virilidade e ao papel ativo, graças à relevância do falo<sup>7</sup> para a cultura romana, já que este representava, na Antiguidade Clássica, a sorte, prosperidade, a fecundidade.<sup>8</sup> De fato, Puccini-Delbey (2010, p. 20) comenta que “o falo ocupa um lugar essencial na cultura romana como símbolo da autoridade masculina, como instrumento de penetração e de dominação, como garantia de fertilidade, de fecundidade, de energia vital, [...]”. Para Veyne (2015), ser passivo representava para os romanos a falta de virilidade, já que esta era muito valorizada numa sociedade que não distinguia o comportamento homossexual do heterossexual, mas que prestava uma atenção exagerada a toda atitude que revelava a falta da virilidade, fosse nos gestos, na fala ou no vestuário. A respeito do que foi dito, Catulo e Priapo apresentam o retrado específico sobre a noção do pensamento antigo sobre sexualidade e relação de poder.

## 2. Caio Valério Catulo, um poeta pederástico.

Caio Valério Catulo (*Gaius Valerius Catullus*) nasceu em Verona entre o ano de 87 ou 84 a.C e morreu por volta de 58 a.C. Catulo, entre os poetas latinos, é praticamente o único autor do final do período republicana da história de Roma, cuja obra chegou até os dias atuais quase na íntegra. A respeito de sua infância pouco se sabe, mas acredita-se que o poeta latino pertencia a uma nobre família que possuía uma vila na região da Gália Cisalpina, região hoje de Verona. Outras informações sobre a vida de Catulo dizem respeito ao ciclo social de sua família. De acordo com Polastri *et al.* (2008, p. 452) “sabe-se que Júlio César tinha relações de amizade com a família de Catulo e costumava se hospedar em sua casa quando ia à região; esse seria mais um fator que indica a notabilidade da família do poeta.”

Catulo fez parte de um grupo renomado de poetas e intelectuais a que Cícero referia-se de modo pejorativo chamando-os de *poetae noui*<sup>9</sup>, visto que este renomado grupo quebrou com tradições literárias estabelecidas por autores do passado como Lívio Andronico (280-20 a.C), Névio (269-201 a.C) e pelos *Anais* de Ênio (239-169). A respeito do termo utilizado por Cícero ao dirigir-se aos poetas, Polastri *et al* (2008, p. 453) afirma que

O melhor poeta é o que põe seu talento e sua obra, de forma direta, a serviço dos valores morais, em prol do bem-estar do Estado, diferentemente do que faziam os poetae noui. Esse termo remete tanto ao fato de se tratarem de poetas modernos quanto

---

<sup>7</sup> De acordo com Funari (2003, p. 319) “a palavra falo, emprestada pelos romanos aos gregos, designava, primordialmente, objetos religiosos, em forma de pênis, usados no culto a Baco.”

<sup>8</sup> Funari (2003).

<sup>9</sup> De acordo com Oliva Neto (1996, p. 16), a maioria dos novos poetas era da Gália Cisalpina, ao norte da Itália. São eles: Licínio Calvo, Hélvio Cina, Varrão Atacino, Fúrio Bináculo, Valério Catão, etc.

ao de serem jovens. esse termo remete tanto ao fato de se tratarem de poetas modernos quanto ao de serem jovens.

O poeta veronense viveu durante os últimos anos do período republicano, época marcada por diversos acontecimentos importante na história da civilização, como a Revolta dos escravos, liderada por Espártaco (73 a.C. – 71 a.C.), a Conspiração de Catilina (63 a.C.) e o primeiro Triunvirato (60 a.C.)<sup>10</sup>. A respeito desses acontecimentos vivenciados pelo poeta, Oliva Neto (1996, p. 16) comenta que “em decorrência desse conjunto de fatores, houve, nesse período, uma efervescência cultural, típica de épocas socialmente conturbadas e propícia ao surgimento de novas tendências poéticas.”

Catulo é um dos grandes nomes da literatura latina. Contribuiu, juntamente com diversos outros poetas latinos para o enriquecimento da poesia e sua obra representa o arco da poesia lírica da literatura latina deixando um conjunto de poesias (*carmina*) as quais celebrou o amor, a amizade, mas também o desprezo e o ódio.

A obra catuliana consiste em *carmina*<sup>11</sup> organizados e numerados até o número 116<sup>12</sup> e reunidos em um único volume. Nela, há dois grupos de poemas amorosos direcionados a duas figuras, o primeiro dedicado a uma mulher casada a qual Catulo a nomeia de Lesbia, e o segundo são poemas dedicados a um jovem de nome Juvêncio. Esse segundo grupo, foco de nossa pesquisa, corresponde as produções de cunho propriamente pederásticas, pois exibem o amor (em grego *éros*) por esse adolescente (em grego *páis*, *paidós*). Sobre a estrutura da obra, sabe-se que

Os 113 poemas de Catulo a que temos acesso hoje são assim divididos pelos estudiosos: nos numerados de 1 ao 60 encontramos poemas sobre as *nugae*, de metro variado, com predominância de versos hendecassílabos; os poemas de 61 a 68 são denominados *carmina maiora*, *docta* ou *longiora* por serem mais longos e mais trabalhados; e, por fim, os de 69 a 116 são epigramas em dísticos elegíacos que tratam de diversos temas, dentre eles a relação do poeta com Lesbia e com o jovem Juvêncio; nesta parte da obra catuliana encontramos também epigramas de invectiva, como por exemplo, contra César e Mamurra. (POLASTRI *et al.*, 2008, p. 454)

---

<sup>10</sup> Oliva Neto (1996).

<sup>11</sup> O conceito de *carmen* apresenta um significado bastante específico dentro da literatura latina. De acordo com Jesus (2017, p. 17) “O *carmen* (de can(t)o, “cantar”) indicava não tanto a poesia em verso dotada de regularidade sistemática, mas sim um tipo de prosa fortemente rítmica (*oratio numerosa*).” Todavia, o termo *carmen* adotado na obra de Catulo diz respeito ao conceito de poesia em sua estrutura clássica.

<sup>12</sup> Segundo (CONTE, 1994, p. 143), os poemas 18, 19 e 20 dos 116 não eram de Catulo e, no século XIX, foram retirados de sua obra. Mas a numeração de 1 a 116 foi mantida mesmo após a retirada desses três poemas.

Alguns estudiosos<sup>13</sup> apontam que Catulo obteve grande influência da poesia helenística a qual agrega à produção poética uma notável qualidade, graças ao uso de diminutivo que traz uma noção mais sedutora em seus *carmina* pederásticos. Puccini-Delbey (2007, p. 153) nos afirma que “Catulo e todos aqueles que se definem como novos poetas e, na sua esteira, os poetas elegíacos, são os primeiros a falar dela.” Essa tendência adotada por Catulo refletia uma abalo nos valores tradicionais de Roma trazendo agora o amor e o desejo físico na literatura.

A respeito do que foi dito, Possamai (2012, p. 13) declara que:

Apesar da reação dos conservadores, o homoerotismo entre os romanos se helenizou, dando lugar ao aparecimento da homoafetividade, componente imprescindível da pederastia. Porém, ao contrário do que ocorria entre os gregos, a relação pederástica em Roma normalmente ainda unia um cidadão a um escravo ou liberto. O que mudou foi atitude dos elegantes, que buscavam nos rapazes imberbes o amor e não somente a satisfação dos desejos, como acontecia anteriormente.

Por fim, destacamos a importância de Catulo e sua obra para o diz respeito ao modo como determinados valores morais influenciaram a sua obra. O poeta sendo um dos poucos autores da Antiguidade em que sua obra chegou aos dias atuais quase na íntegra, pôde contribuir para possíveis interpretações e análises a respeito do contexto em que se organiza a Antiguidade no cenário socio-cultural. A temática amorosa mostrada em sua produção é bastante recorrente, o tom erótico, mostrado na relação com Lésbia e Juvêncio, este último como foco dessa pesquisa, revela comportamentos e noções do pensamento antigo a respeito de sexualidade.

## 2.1. Ciclo de Juvêncio

Os desejos sexuais e amorosos de Catulo não se fixaram apenas por mulheres, uma vez que em sua obra há uma série de poemas dedicados a um jovem de nome Juvêncio. A respeito desde jovem pouco se sabe sobre sua história ou quem de fato era, tudo o que conhecemos está descrito por Catulo em suas poesias.

Tais poemas, apresentam-se nos seguintes *carmina*: XV, XXIV, XLVIII, LXXXI e XCIX<sup>14</sup>. Estes poemas retratam uma perspectiva que não se trata exclusivamente de um desejo sexual, mas de vivências de novas experiências como a paixão, por exemplo, exibindo, dessa maneira uma similaridade com a que o poeta alimentava por Lésbia. De acordo com Azevedo (2016, p. 61), “Catulo não estabelece distinção em seu discurso na representação do amor de

---

<sup>13</sup> Alguns que confirmam nosso dito: Vasconcelos (1991), Puccini-Delbey (2007).

<sup>14</sup> Os poemas e traduções aqui apresentadas foram retirados da edição de João Angelo Oliva Neto. **O Livro de Catulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

um homem por uma mulher (ciclo de Lésbia) ou de um homem por outro homem (ciclo de Juvêncio)”. Exemplificaremos a seguir, algumas interpretações e associações com o contexto social e cultural antigo dentro da noção de homoerostismo, através dos *carmina* selecionados da obra de Catulo.

A primeira noção a respeito de um poema de cunho amoroso direcionado a um homem, neste caso dedicado a Juvêncio, ocorre no *carmen* 15. No início do poema, Catulo dirige-se a Aurélio<sup>15</sup> para dizer que confia em sua pessoa a ponto de entregar a ele, acreditamos que para cuidados e proteção, seus amores e a si mesmo. Após esse dito, Catulo pede para que Aurélio proteja um certo rapaz, que idealizamos ser Juvêncio. Percebamos, com a leitura do poema abaixo, que em nenhum momento há uma menção ao nome de quem Catulo pede para ser cuidado por Aurélio. Todavia, tendo Catulo utilizado a palavra *puer*<sup>16</sup> para citar a determinada pessoa que ele pede para que o cônsul que o proteja, acreditamos que todo o *carmen* trata-se de Juvêncio, acarretando a partir desse *carmen* o início ao que é chamado de Ciclo de Juvêncio na poesia catuliana, pois temos a primeira poesia amorosa dedicada a um rapaz.

#### *Catulli Carmen XV*

Commendo tibi me ac meos amores,  
Aureli. Veniam peto pudentem,  
ut, si quicquam animo tuo cupisti,  
quod castum expeteres et integellum,  
conserues puerum mihi pudice,  
non dico a populo – nihil ueremur  
istos, qui in platea modo huc modo illuc  
in re praerereunt sua occupati –  
uerum a te metuo tuoque pene  
infesto pueris bonis malisque.  
Quem tu qua lubet, ut lubet moueto  
quantum uis, ubi erit foris paratum:  
hunc unum excipio, ut puto, pudenter.  
Quod si te mala mens furorque uecors  
in tantam impulerit, scelesti, culpam,  
ut nostrum insidiis caput lacessas,  
a tum te miserum malique fati,  
quem attractis pedibus patente porta  
percurrent raphanique mugilesque.

#### **Poema 15**

A ti eu me confio e meus amores,  
Aurélio, e de pudor te peço vênua  
pois se já desejaste algo em teu ânimo  
que mantivesses casto e inteirinho,  
preserves em pudor este menino,  
não digo das pessoas – delas nada  
temo a passar na praça aqui e ali  
com suas próprias coisas ocupadas.  
Minha paúra és tu, e é teu pau,  
atal aos bons, fatal aos maus menino;  
por onde queiras, como queiras, leva-o,  
quando saíres, pronto para tudo.  
Só ele excludo, sim, pudicamente,  
pois se uma ideia má ou louca fúria  
te impelir, pérfido, a tamanho crime  
de preparar insídias contra mim,  
então, ah!, infeliz e malfadado,  
pelos pés arrastado, por teu rabo aberto  
vão passar mugens e rábãos.

É possível interpretarmos, a partir dos próximos *carmina*, uma construção que não se fixa apenas no campo erótico da poesia, mas em uma possível relação homoafetiva entre Catulo

<sup>15</sup> Marco Aurélio Cota Máximo Messalino, cônsul romano.

<sup>16</sup> De acordo com o Dicionário Didático Latino Português (3ª ed.), de Ernesto Faria (1962): “puer: [...] 1. menino, criança, rapazinho, rapaz novo.

e Juvêncio. Todavia, cabe aqui salientar que mesmo apresentando pontos que possam confirmar essa possível relação que deixou de ser exclusivamente homoerótica e passa a ter traços homoafetivas, os protocolos de sexualidade e comportamento, já mencionados, terão grande força dentro da poesia catuliana. Abaixo, apresenta-se o *carmen XXIV* que nos apresenta uma fase galanteadora e sedutora de Catulo para com Juvêncio.

#### ***Catulli Carmen XXIV***

O qui flosculus es Iuventiorum,  
non horum modo, sed quot aut fuerunt  
aut posthac allis erunt in annis,  
mallem diuitias Midae dedisses  
isti, cui neque seruus est neque arca,  
quam sic te sineres ab illo amari.  
“Qui? Non est homo bellus”? inquires. Est:  
sed bello huic neque serrus est neque arca.  
Hoc tu quam lubet abice eleuaque;  
nec serrum tamem ille habet neque arcam.

#### **Poema 24**

Ó tu, que és a florzinha dos Juvêncios,  
e não só deste, mas de quantos foram  
ou no futuro, após, inda serão:  
antes riquezas de mil midas desses  
àquele que não tem escravo ou arca,  
que te deixares ser por ele amado.  
“Quê?, não é o homem belo?”, e dizes. É.  
Mas falta ao “belo” ter escravo ou arca.  
Recusa e ignora o fato o quanto queres.  
(Porém, escravo ele não tem, nem arca!)

É neste *carmen* que temos um destinatário explícito, visto que Catulo se dirige diretamente a Juvêncio. Catulo, com sua sedução, elogia seu amante afirmando que de todo o clã dos Juvêncios, o seu amado é o mais belo. O uso de diminutivo (*flosculus*) é, segundo Oliva Neto (2017, p. 44) uma “(...) delicadeza poética, a materialização mais perfeita. A delgada e passageira perfeição do terno adolescente que deve ser perenizada no poema pederástico pela perfeita ternura da linguagem, que se deixa ver de imediato pelo uso do diminutivo”. Catulo neste *carmen*, nos introduz a uma relação de afetividade entre ele o jovem rapaz. Todavia, essa questão reforça o que Willians (1999) chamou de protocolo de idade, visto que aqui somos inseridos na relação de um homem já formado, Catulo, e um rapaz jovem que acreditamos ainda ser impúbere, visto que o poeta latino utiliza do diminutivo para falar de um membro de um clã romano. Abaixo, no *carmen XXVIII* podemos notar o crescimento do desejo de Catulo por Juvêncio.

***Catulli Carmen XLVIII***

Mellitos oculos tuos, Iuuenti,  
siquis me sinat usque basiare,  
usque ad milia basiem trecenta  
nec numquam uidear satur futurus,  
no si desior aridis aristas  
sit nostrae neqes osculationis.

**Poema 48**

Os teus olhos de mel Juvêncio, se eu os  
pudesse beijar continuamente,  
continuamente eu beijaria até  
trezentos mil sem ver-me satisfeito  
nem se mais densa do que espigas secas  
fosse a messe dos beijos meus e teus.

Nesse *carmen*, é vista com maior força a concepção do amor galanteador e elegíaco. Catulo transcreve desejos e declara todo o seu amor pelo seu amado trazendo em seu *carmen* uma intensidade muito maior ao que é vista no ciclo de Lésbia, uma vez que no *carmen V*, pertencente ao ciclo dedicado a esta mulher, Catulo a promete cem mil beijos, enquanto para Juvêncio são trezentos mil. É notória a presença de um “eu lírico” que usa da sedução, do erotismo para satisfazer os seus desejos. A respeito disso, nos apoiamos nas palavras de Oliva Neto (2017, p. 44) que afirma:

No universo do amor pederástico, a riqueza, a única abundância é, antes de tudo, o próprio exercício poético do delicado amor: sejam os trezentos mil beijos que quer dar em Juvêncio seja aquele único beijinho que lhe rouba. O sujeito do discurso que leva o nome do poeta, é o *erastés*, o amante ativo e aquele que deseja o rapaz, e que é, sobretudo, o único enunciador do discurso.

Essa relação trazida por Catulo revela uma interpretação ligada à relação homoerótica na Antiguidade Clássica. Azevedo (2016, p. 68) comenta que “o poeta de Verona parece nos sugerir que a visão do desejo expressa em seus poemas, mais especificamente naqueles encontrados nos ciclos de Lésbia e Juvêncio, configura-se em um único arquétipo, um único desejo, íntegro, homoerótico.”.

Nos dois últimos *carmina*, que fecham o ciclo de Juvêncio, Catulo esboça em seus versos as decepções e o caminho que ele não idealizou seguir com Juvêncio. No *carmen 81*, compreenderemos uma “fase” conturbada na relação entre o poeta e seu amado, visto que

***Catulli Carmen LXXXI***

Nemone in tanto potuit populo esse, Iuuenti,  
bellus homo, quem tu diligere inciperes,  
praeterquam iste tuus moribunda ab sede Pisauri  
hospes inaurata pallidior statua,  
qui tibi nunc cordi est, quem tu praeponere nobis  
audes? Ei! nescis quod fainus facias.

**Poema 81**

Não havia, Juvêncio, em povo tão imenso,  
um homem belo a quem não quisesses mais  
que de Pisauro moribunda esse teu hóspede  
mais pálido que estátua redourada,  
que tens no coração e que ousas preferir a  
mim? Não vês o crime que cometes!

Catulo se sente traído por Juvêncio, o que acarreta em um episódio que podemos considerar como ciúmes.

Uma possível relação entre Juvêncio e Pisauro acaba por deixar Catulo com o sentimento de traição por parte de Juvêncio. Todavia, aqui configura-se novamente a concepção da Antiguidade Clássica sobre relações homoeróticas, visto que Juvêncio tinha certa liberdade para envolver-se com outros homens, já que não possuía nenhuma relação conjugal entre com poeta veronense. Entretanto, somos levados a pensar que Catulo, esperava que, entregando-se afetivamente a Juvêncio, este manter-se-ia fiel, justamente por nutrir sentimentos por Catulo.

Em síntese, os dois primeiros *carmina* discutidos pode-se perceber a presença do homoerotismo, visto que Catulo utiliza da sedução para conquistar seu amado Juvêncio. Todavia, o terceiro *carmen* e o quarto *carmen* já trazem uma nova visão a respeito dessa relação homoerótica entre o poeta e o Juvêncio. Vejamos abaixo a construção do *carmem XCIX*.

#### *Catulli Carmen XCIX*

Surripui tibi, dum ludis, mellite Iuuenti,  
suauiolum dulci dulcius ambrosia.  
Verum id non impune tuli. Namque amplius horam  
suffixum in summa me memini esse cruce,  
dum tibi me purgo nec possum fletibus ullis  
tantillum uestrae demere saeuitiae.  
Nam simul id factum est multis diluta labella  
guttis abstersisti omnibus articulis,  
ne quicquam nostro contractum ex ore maneret,  
tamquam commictae spurca saliea lupae.  
Praeterea infesto miserum me tradere amori  
non cessasti omnique excruciare modo,  
ut mi ex ambrosia mutatum iam foret illud  
suauiolum tristi tristius elleboro.  
Quam quoniam penam misero proponis amori,  
numquam iam posthac basia surripiam

#### **Poema 99**

Roubei-te (tu brincavas), Juvêncio de mel  
um beijinho mais doce que ambrosia  
mas não impune pois por uma hora ou mais  
me vi na ponta de uma estaca enfiado  
me desculpando, mas meus prantos não dobraram  
nem um tantinho da maldade tua.  
feito o que fiz, teus lábios, úmudos de muitas  
gotas, secaste com teus dedos todos,  
minha boca malsã não fosse qual saliva  
suja de meretriz em que se mijá.  
Depois, a infesto Amor entregar-me infeliz  
não cessaste e excruciar-me de mil modos,  
até que em mim o tal beijinho, de ambrosia,  
tornou-se amargo, mais que o amargo heléboro.  
Porque esta é a pena que atribuis a um triste amor,  
eu beijos nunca mais hei de roubar.

Na estrutura desse poema, vemos que o tom ora erótico, ora entusiasmado é substituído por lamentações da paixão não correspondida de Juvêncio já revelada no poema *LXXXI*. Nesse *carmen*, Catulo sofre pelo seu jovem amado e questiona quem amaria mais Juvêncio. O *carmen XCIX* finda os poemas do ciclo de Juvêncio de forma saudosista e queixosa, e o tom afável e vivaz é substituído pelo ressentimento. Catulo agora finaliza dizendo que os amados beijos de

Juvêncio tornaram-se azedos para ele. *Eros*, a força pulsante, representado neste ciclo pelos beijos, agora causa repulsa aos amantes. A respeito do *carmem XCIX*, Ruiz (1993, p. 194) afirma que

O poema 99 começa com uma linguagem amorosa concentrada, com dois diminutivos nos dois primeiros versos, *mielite* e *suuiolum*. Se compararmos este poema com o 48, a situação é diferente: havia uma situação idílica; aqui está quebrando. Todo o poema é lindamente estruturado e, como sempre, o destaque é o final.

Diante do que foi posto a respeito do ciclo de Juvêncio, é perceptível como a relação mostrada nesses *carmina* expressão de maneira clara o pensamento antigo no que diz respeito à sexualidade e ao homoerotismo, visto que Catulo expressa os protocolos de sexualidade propostos por Willians (1999). O poeta latino relaciona-se com um rapaz impúbere, caracterizando dessa forma o protocolo de idade. Catulo, tendo um *status* social, também assegura o protocolo de cidadania e revela que o papel sexual que desempenha em sua relação com o jovem Juvêncio era o da atividade, visto que era considerado proibido cidadãos romanos serem penetrados. Entretanto, Catulo nos apresenta, em seus poemas a Juvêncio, uma face mais intensa, se a compararmos ao ciclo de *carmina* dedicados à Lesbia, uma vez que o homoerotismo presente em seus poemas pederásticos trazem uma mistura de sedução, conquista e até mesmo a construção de uma relação de cunho mais homoafetiva. Dessa forma, esses fatos apresentados nos revelam que as relações homoeróticas estão ligadas à noções mais gerais como prazer, poder e estratificação social.

A respeito do que foi dito, Azevedo (2016, p. 68) que declara:

Estamos diante, portanto, de um modelo universal do desejo, de um *eros* próprio catuliano, rica e indistintamente explorados na representação das práticas amorosas que envolviam seus múltiplos amados, quer feminino, quer masculino, pois, independentemente do contexto sociocultural-literário, Catulo, através de sua arte, revela a força de criação indispensável no fazer poético – *eros* – e universaliza com seus versos a poesia do amor, e essa não tem gênero.

A respeito da vida e obra de Catulo é importante destacar um fator que explora a poética pederástica do poeta veronense, a concepção de *persona* poética. Torna-se pertinente o esclarecimento desse conceito, pois segundo Vasconcellos (2016) em seus estudos a respeito dessa concepção, os textos antigos eram interpretados a partir do biografismo, pressupondo que as ações narradas nas elegias eram experimentadas e vividas por seus autores. Dessa forma, pensava-se que o poeta confessasse, através dos seus poemas, experiências reais, e que esses

dados poderiam ser utilizados filologicamente para reconstituir a vida desse autor de forma que dessem conta de esclarecer onde viveu, com quem teve relacionamentos, que tipo de relacionamentos, se sofria de algum mal, que tipo de vida levava e, enfim, todos os dados que pudessem ser dali extraídos. Essa questão nos faz refletir a respeito das reais relações pautadas pelo poeta latino nesse ciclo de poemas pederásticos. Um dos motivos que nos levam a essa questão a escassez de informações a respeito da vida de Juvêncio, uma vez que no ciclo de Lésbia conhecemos sua história. Tudo isso nos faz pensar que Catulo utilizou-se de uma *persona* poética para apenas escrever poemas pederásticos, mas que ele não tem nenhuma ligação com a prática. A discussão sobre a temática é apenas uma porta que deixamos para uma possível discussão mais ampla a respeito da presença de uma *persona* poética na poética catuliana.

Diante do que foi posto, podemos pensar que Catulo e sua obra muito têm a nos dizer a respeito da sociedade romana, visto que sua obra reflete os costumes de um grupo social unido pelo falocentrismo, mostrando com isso como a sexualidade do homem romano está interligada a questões mais profundas como a necessidade de dominar classes mais baixas e mostrar a elas que a virilidade e o falo representam o poder. Catulo em seu ciclo dedicado a Juvêncio mostra o lado do erotismo, da sedução, do prazer, etc., mas apresentando sua masculinidade enquanto superior e ligando essa questão a condições sociais que segrega e impõe papéis a quem é destinado a dominar e a quem é destinado a ser o dominado.

### **3. Priapo, o deus violento.**

Priapo é um deus marcado pelo tamanho do falo. Originado da união entre Afrodite e Dionísio, o deus é apresentado por duas características fundamentais que o identificam. A primeira diz respeito a sua características agrária, uma vez que sua função era proteger jardins e recintos do mau-olhado e dos ladrões. A segunda das suas características é a de um deus que se vangloria do tamanho de seu falo e do poder representado por ele, mesmo sabendo que essa característica também lhe deixa feio. Esta última destaca o deus e revela o porquê do culto a ele como o deus da virilidade e poder na sociedade romana. Abaixo a representação de Priapo em um fresco.



**Figura 1** - Fresco de Priapo pesando seu falo em uma balança, Casa de los Vettii, Pompeia.

**Fonte:** < <https://goo.gl/bWNoJ9> > Acesso em out. 2018.

A respeito de sua principal característica, o enorme falo, Cozer (2017, p. 60) nos afirma que:

Sua característica é o falo enorme, mas a imagem exagerada, com face rugosa, por vezes numa expressividade que lembra as máscaras de teatro são também marcas de Priapo. A simples e impolida natureza agrária compõem o estilo do deus que, nas poesias, sempre utiliza sua característica como justificativa para seu vocabulário baixo. Para além disso, ele normalmente figura desnudo, em imagens que colocam em maior evidência seu membro.

As figuras e representações fálicas de Priapo eram usadas para repelir as forças negativas, atraindo, dessa forma, boas vibrações e prosperidade. Logo, o símbolo fálico é um ícone da fertilidade, tendo assim, uma conotação positiva. A esta afirmação Funari (2003, p. 316) nos esclarece que:

O membro masculino em ereção era associado, na Antiguidade clássica à vida, à fecundidade e à sorte. A própria palavra falo, emprestada pelos romanos aos gregos, designava primordialmente, objetos religiosos em forma de pênis, usados no culto de Baco. (...) O falo não apenas afastava o mal como trazia sorte e felicidade. Recorde-se que a palavra latina felicitas, a um só tempo, “felicidade” e “sorte”, ambos os sentidos derivados do sentido original de felix, “fértil”.

Portanto, sendo Priapo o deus que representa a sexualidade e o falo, ele se encontra em um contexto de extrema autoridade diante da sociedade romana, uma vez que seu falo marca a virilidade e poder do homem e a sociedade sendo falocêntrica e patriarcal, sua presença no

cenário sócio-cultural mostra como a sociedade romana cultuava o poder de um deus que apresentava traços semelhantes à forma como a sociedade se organizava.

### 3.1. A *priapeia*

A *priapeia* é assim denominada pelo conjunto de poemas e epigramas em grego e latim que diz respeito a Priapo, divindade greco-romana que possui uma característica central o falo ou o membro genital em tamanho avantajado. Sendo Priapo o nome que prevaleceu no culto fálico greco-romano, os poemas e epigramas vieram a ser chamados *priapeus*. De acordo com Oliva Neto (2006, p. 83)

De modo preliminar, *priapeu* é o poema em que a presença de Priapo é manifesta ou de tal modo presumida que não nomeá-lo não impede reconhecê-lo. Tal presença é sempre estabelecida pela existência, no poema, de uma efígie do deus, explícita ou implícita, com, a qual sempre se relaciona uma fala, que assume uma das três possibilidades: ou provém do deus, ou a ele é dirigida, ou a ele se refere.

A *priapeia* é uma organização de cerca de 80 ou 86 poemas, dependendo da edição, e não apresenta em seus poemas um autor e nem datas certificadas do período dessas produções dos poemas. Todavia, segundo Cozer (2017, p. 42), “as principais teorias sobre a obra entendem que ela seja um produto do século I d.C., ou seja, um século depois de Catulo.” A *priapeia* representa uma produção literária bastante importante, visto que traz o pensamento a respeito do humor, da masculinidade e da sexualidade na Roma antiga.

Os poemas e epigramas dedicados a Priapo apresentam descrições de sexo oral, felação e cunilíngue, masturbação, bestialidade, posições sexuais, terminologias sexuais e ameaças. Embora Priapo não seja, obviamente, o autor, ele aparece constantemente envolvido nas troças, invectivas e ameaças. Segundo Cozer (2017, p. 43), “o deus é a imagem com a qual muitos latinistas representam o humor masculino e agressivo em Roma”.

Enquanto guardião do jardim, Priapo se coloca como um falo ameaçador, que protegeria seu jardim pela agressão sexual contra os bandidos – entendidos como aqueles que vêm violar seu território. Essa noção de uma imagem de um falo ameaçador e capaz de humilhar os outros com penitência sexual, assemelha-se a própria imagem da virilidade romana, revelando, dessa forma, que tal comportamento tem muito a dizer no que diz respeito à relação de poder e dominação. É notório enxergar que atividade sexual do deus não tem nada a ver com o prazer

da outra parte (apenas do deus), e que o ato sexual consistia em verdadeiros castigos. O sexo do deus é a sua arma, e as vítimas são os ladrões.

### 3.2. O sexo como castigo no *Corpus Priapeorum*

Na *priapeia*, o sexo assume uma conotação diferente do que conhecemos. O sexo no *corpus priapeorum* assume uma postura violenta, visto que o deus Priapo ameaça em seus epigramas violentar por sodomia ou através do sexo oral o rapaz que invada seu jacinto. Tomado de um tom agressivo, Priapo, que também tinha como característica ser um deus que protegia as propriedades e garantia a fertilidade, ganha voz em seus epigramas, segura-se em suas funções fálicas e místicas e ainda agride com seu falo seus opositores. A respeito dessa imagem de Priapo Cozer (2018, p. 02) nos afirma que:

A imagem de Priapo é, no entanto, entendida pela maioria da historiografia sobre as práticas sexuais em Roma como uma figura masculina ideal para os latinos. Fálico, agressivo, gozador, proeminente, ele é tido como a prova de que uma civilização patriarcal como a Romana teria uma maneira de louvar o falo enquanto potência sexual masculina, penetradora e capaz de degradar seus parceiros sexuais.

Para nossa análise, selecionamos cinco epigramas que se inserem em um subgênero definido por Oliva Neto (2006) como Epigramas Exortativos de Ameaças. Esses epigramas apresentam um caráter violento e agressivo onde Priapo dirige-se em primeira pessoa àqueles que tentam entrar e furtar seu jardim, o qual ele ficou responsável de proteger. Esses epigramas são: XI, XV, XXVIII, XXXV e XLIV<sup>17</sup>.

A imagem fálica para os romanos possuía diversos significados que se associavam à cultura, a rituais e à organização social da Roma antiga. A este respeito, Puccini-Delbey (2007, p. 20) nos afirma que “o falo ocupa um lugar essencial na cultura romana como símbolo da autoridade masculina, como instrumento de penetração e de dominação, como garantia de

XI.

Ne predare caue. Prenso nec fuste nocebo,  
saeua nec incurua uulnera falce dabo:  
traiectus conto sic extendere pedali,  
ut culum ugam non habuisse putes.

11.

Cuida que eu não te pegue; pego, não terás  
açoites nem feridas más da foice:  
vai trespassar-te um pau enorme e apertar tanto que  
acharás que teu cu não tinha pregas.

---

<sup>17</sup> Os epigramas e suas respectivas traduções aqui apresentados foram retirados da obra de João Angelo Oliva Neto. **Falo no Jardim: Priapeia Grega, Priapeia Latina.** São Paulo: Editora Unicamp, 2006.

fertilidade, de fecundidade, de energia vital ou como meio apotropaico de proteção”. Entretanto, diferente dos outros deuses romanos que utilizam diversas maneiras para castigar e ameaçar os humanos, Priapo fixa suas ameaças na sua ereção e castiga a chamada tríplice pena. De acordo com Oliva Neto (2006), a tríplice pena corresponde as formas de penetração usadas por Priapo: penetração vaginal (*fututio/futuere*), anal (*pedicatio/pedicare e percidere*), oral (*irrumatio/irrumare*). No epigrama XI observaremos Priapo ameaçar com a *pedicatio* certos invasores que ousarem adentrar em seu jardim.

O epigrama XI relata o deus dirigindo-se a um possível ladrão que pretende roubar coisas de seu jardim que estão sob sua guarda. Antes de castigar, o deus alerta para que o ladrão seja rápido e que ele não seja pego por Priapo, pois o castigo pelo roubo e pela invasão de um local guardado por um deus é sexo anal onde o deus Priapo, tendo seu falo de tamanho extenso, exercerá o papel ativo, e o ladrão, passivo. Mora (2011, p. 08) comenta que “a preferência do deus, no caso dos rapazes, vai quase exclusivamente para a *pedicatio*, não tanto para a *irrumatio*, o que significa também que Priapo considera menos prazenteiro este último castigo. O uso do seu falo nos diz respeito muito ao sistema de relações de poder, uma vez que a sociedade romana falocêntrica, a representação do falo traz toda uma conotação de que o homem, sendo possuidor do falo, representa a força maior e que seu falo representa o instrumento toda sua virilidade e autoridade perante as classes baixas.

Priapo mostra-se um deus que, antes de proferir seus castigos, avisa aqueles que ousam tentar enganá-lo e furtar seu jardim. O aviso que Priapo dá, diz respeito à punição que o invasor sofrerá. Tanto no epigrama XI quanto no XV, adiante, o tom é de advertência, o que nos mostra que essas produções literárias dedicados a Priapo representam, de certa forma, uma maldição, visto que os autores desses epigramas escreviam em diversos lugares para informar que aquele ambiente estava protegido por um deus vingativo que não se deixa ser roubado. O epigrama abaixo ilustra bem a fala já dita, vejamos a comparação que Priapo faz a respeito de não ser um eunuco:

XV.

Commiso himi non satis modestas  
quicumque attulerit manus agello,  
is me sentient esse non spadonem

15.

Quem quer que ponha a imoderada mão  
neste jardim que a mim foi confiado  
verá depressa que eu não sou eunuco

O poema representa, de certa forma, a importância fálica para a sociedade romana, visto que os eunucos não possuíam mais sua virilidade e poder. Observamos que a exortação negativa de Priapo está diretamente ligada à ereção de seu falo. Dessa forma, nos epigramas em que Priapo se posiciona enquanto protetor do território, no caso seu jardim, o ato sexual é, ao menos em nível literário, sempre performado ou ameaçador pelo deus.

No epigrama XI e XV o castigo proferido por Priapo estava ligado ao conceito de *pedicatio*, o sexo anal. Todavia, no epigrama XXVIII, o deus alerta para uma segunda opção em castigar aqueles que ousam furto sua propriedade. Neste caso o *irrumatio*, o sexo oral surgiu como castigo no *Corpus Priapeorum*. Na verdade, o sexo oral entre os romanos era um tabu, visto que o ato implicava uma troca de papéis já definidas, a relação dominador/dominado. A prática do sexo oral atribuía uma imagem submissa ao homem romano, o que era considerado um grave crime. Flores (2017, p. 17) nos confirma que:

O motivo para atacar um indivíduo não é propriamente a escolha sexual, a submissão a outra pessoa, em geral sexualmente marcada pela entrega ao desejo alheio, em atos como sexo oral, seja com pessoas do mesmo sexo ou não, e assim também a cinilíngua poderia afetar a imagem social de um homem das classes mais altas.

XXVIII.	28.
Tu, qui non bene cogitas et aegre carpendo tibi temperas ab horto, pedicabere fascino pedali. quod si tam grauis et molesta poena non profecerit altiora tangam.	Tu, que boa intenção não tens e a custo vives com o que roubas dos pomares, serás fodido por um pau enorme e, se tão grave e incômodo castigo não bastar, mais acima vou meter.

A utilização da expressão traduzida “mais acima vou meter” nos remete ao conceito e a ideia desenvolvidos acima a respeito da *irrumatio*. Essa concepção nos leva novamente a pensarmos no protocolo de cidadania conceituado por Willians (1999), que traz essa noção da imagem dos homens das altas classes romanas de preservarem suas imagens no ato sexual, visto que, uma vez, flagrado em atos que vão contra a ideologia de masculinidade, a reputação seria completamente manchada e o homem passa a ser marginalizado, mostrando, dessa forma, uma estratificação social que se localiza acima do prazer sexual de uma relação homoerótica.

Interessante percebermos que em Catulo e na *priapeia* latina há textos que se assemelham quanto a sua temática. O epigrama XXXV é um exemplo dessa semelhança literária, uma vez que sua temática retrata dois castigos direcionados a uma única pessoa, neste caso o *pedicatio* e o *irrumatio*. Essa ligação com o *carmen VI* de Catulo em que o poeta dirige-se a Aurélio e Fúrio e alerta-os que irá penetrá-los, visto que eles estão zombando de Catulo por produzir poemas melosos, e para Aurélio e Fúrio esses poemas mostram um enfraquecimento da masculinidade de Catulo. Logo, o poeta responde que através do *pedicatio*, sendo ativo, ele mostrará sua virilidade. Dessa forma, o epigrama XXXV reflete certa inspiração no *carmen* catuliano, como nos afirma Cozer (2017, p.44):

Enquanto guardião do jardim, Priapo se coloca como um falo ameaçador, que protegeria o horto pela agressão sexual contra os bandidos – entendidos como aqueles que vêm violar seu território. O poema lembra, em dois momentos o número 16 do livro de Catulo. Tal poema se inicia e termina com a frase: “*Pedicabo ego vos et irrumabo*”<sup>18</sup>. Se dirigindo a dois amigos, com os quais Catulo está irritado, o autor ameaça castigar a estes amigos com o *pedicatio*.

Dessa forma, uma possível intertextualidade se faz presente entre as produções literárias latinas, visto que Catulo sendo apresentado como um poeta que cultua o amor, utiliza da representação do falo enquanto instrumento agressivo para castigar aqueles que apontam características afeminadas. Essa noção se atrela a uma característica dada como o principal argumento dos comportamento do homem romano: o falo, apresenta uma imagem de opressão que ameaça de penetrar a todos enquanto uma forma de punição.

Em seus castigos, Priapo opta por utilizar apenas um dos castigos ou os três de uma só vez como forma de mostrar seu poder. No epigrama XXXV é visto a utilização de dois dos três castigos que o deus utiliza, o *pedicatio* e o *irrumatio*. Dentre os três castigos já mencionados da tríplice pena, sabemos que o *irrumatio* reflete uma ruptura do *status* e marginalização do homem romano castigado pelo sexo oral.

XXXV.

Pedicabere, fur, semel; sed idem  
si prensus fueris bis, irrumabo.  
Quod si tertia furta molieris,  
ut poenan patiare et hanc et illam  
pedicaberis irrumaberisque

35.

Na primeira, ladrão, vou te meter  
no cu. Pego outra vez, vou pôr na boca.  
E se teimares num terceiro furto,  
para que sofras um castigo e outro,  
terás teu cu fodido e tua boca

---

<sup>18</sup> De acordo com a tradução de Oliva Neto (2008): “Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos”

Essa visão atrelada ao sexo oral diz respeito à oratória do cidadão romano, que sustentava seus *status* diante da hierarquia romana. Mora (2011, p. 26) nos relata que “diferentemente da cultura grega que zelava pelo corpo, a Romana zela pela boca. A agressão sexual enquanto uma punição é uma possibilidade nessa cultura, mas a mais humilhante das práticas seria o estupro oral, no qual o órgão da participação política na cidade, a boca, seria violado pelo órgão sexual.” Dessa forma, Priapo usando da *irrumatio* corrompe uma característica de extrema importância do homem romano, a sua boca que discursa. O epigrama XLIV traz um tom de alerta para aqueles que levam as palavras de priapo como gozação, achando que o deus, por ser quem é, não se sujeitaria a estar em contato com a humanidade para castigá-la. Sabemos que os textos da *priapeia* pertencem a autores anônimos, o que nos faz refletir que, ao escrever a contra um inimigo pedindo a Priapo que lhe estupe a boca, o autor do poema pleiteando o silenciamento daquele que será estupro. Assim, a violação dessa parte do corpo, a boca, seria a maneira simbólica de representar a vitória em uma disputa argumentativa ou poética, na qual o vencido ficaria em silêncio, pois sua boca estaria suja.

XLIV.

Nolite omnia, quae loquor, putare  
per lusum mihi per iocumque dici.  
depressos ego ter quaterque fures  
omnesm non debitetis, irrumabo.

44.

Tudo que falo não julgueis que é dito  
por brincadeira ou gozação ladrões  
que três ou quatro vezes pegue, em todos,  
não duvideis, na boca vou meter.

Podemos interpretar, portanto, que a *priapeia* latina representa uma visão agressora da sociedade romana diante das classes marginalizadas, mostrando dessa forma o funcionamento das relações de poder entre o dominante e o dominado, e a simbologia da figura do deus como a personificação dos conceitos de masculinidade do homem romano na cultura latina, refletindo tais ideias nas suas produções literárias.

Interessante destacar que, enquanto Priapo assume o papel do deus ativo que utiliza do seu falo para castigar, ele não estaria em uma posição homoerótica, visto que sua relação com homens está estritamente sujeita apenas ao flagelo dos ladrões, crianças e mulheres que invadem seu recinto protegido. Dessa forma, associar Priapo a uma figura homoerótica contrapõe a sua simbologia enquanto deus castigador, visto que suas funções principais são de proteger e açoitar a quem ousar saqueá-lo.

A temática dos textos direcionados ao deus Priapo traz um tom constantemente galhofeiro, com um humor sexual. Essa característica humorística na *priapeia* mostra-se diretamente ligada ao leitor que é tratado como ladrão, visto que pelo lugar onde se supõe que a poesia estava escrita – nos jardins privados – ninguém senão um ladrão que entrasse furtivamente teria ocasião de os ler.

Portanto, no que concerne à *priapeia* latina, identificamos o modo pela qual ela está associada diretamente aos costumes da cultura patriarcal e opressora romana, visto que o falo sendo o instrumento de castigo, mostra como o homem é colocado em um patamar de autoridade devido representar um papel hierárquico de dominação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo, buscamos recuperar a concepção do pensamento antigo a respeito da sexualidade na Antiguidade, a fim de atestar que as relações culturais e sociais associam-se à forma com que as relações homoeróticas e a violência alinham-se a questões mais gerais, como poder, prazer e estratificação social. Ao nos depararmos com a forma com que a sexualidade é representada na Roma antiga, vimos que a noção de sexualidade não se baseia em questões biológicas, mas nos estatutos sociais e nas faixas etárias que compõem o papel desempenhado dentro da sexualidade, do sexo e até mesmo das questões de cunho violento que permeiam a sociedade antiga romana.

Diante do que foi posto, acreditamos que se tornou mais evidente as relações de poder que dominavam a Antiguidade Clássica, visto que determinados protocolos determinavam que papel cada pessoa deveria cumprir. Todavia, os menos favorecidos, as mulheres, os escravos, os jovens livres, etc., sempre desempenhavam papéis considerados indignos, face à noção do que era considerado digno para os romanos. A estratificação social fortalecia ainda mais essas ideologias, visto que a sociedade romana segregava as classes inferiores e dominava-as através do patriarcalismo e falocentrismo.

Puccini-Delbey (*apud* Foucault 2007, p. 21) afirma que:

De acordo com a análise de Michel Foucault, as relações sexuais dos romanos organizavam-se segundo um esquema de dominação/submissão que redobra e confirma a superioridade social de uns e a inferioridade social de outros. A verdadeira masculinidade de um homem romano é atingida na idade adulta e traduz-se, sexualmente, pela postura do homem dominante.

No que concerne à produção literária de Catulo, vemos a construção de um cenário homoerótico que entra em contato com o campo da relação homoafetiva, ou seja, se fizermos uma espécie de linha temporal de acontecimentos apresentados nos *carmina* do ciclo de Juvêncio, podemos perceber a construção de uma relação que começa com a conquista, passando pela fase do amor inicial, seguida pelos conflitos ligados ao ciúme e se fecha com um trágico fim, onde há a separação dos dois amados devido a conflitos internos. A representação do homoerotismo se dá pela presença do contexto elegíaco de Catulo, que afirma toda uma sensualidade e sedução erótica diante de um jovem rapaz. Todavia, mesmo apresentando traços homoeróticos que simbolizam uma construção social pertencente à cultura romana, Catulo representa de forma fiel o cidadão romano que se assegura nos privilégios do homem romano de condição social elevado, a relação dominação/submissão na relação entre Juvêncio e ele, a relação da idade que revela certa proteção moral para Catulo.

A análise dos *corpora* atestou a representação poética de uma realidade social dominada pelo amparo ao comportamento ratificado do homem romano a respeito do prazer e temor. Esse comportamento reflete ainda uma obediência, mostrada nos *corpora* da pesquisa, um paradigma elegíaco recorrente e por outro lado o temor que o falo, enquanto sinônimo de virilidade e poder, proporciona. Tanto na obra de Catulo quanto na obra de Priapo, é vista uma construção de uma representação do homem romano, atrelando assim uma analogia a uma moeda que apresenta em suas duas faces a mesma característica. Com isso, podemos pensar que as representações homoeróticas em Catulo e da violência em Priapo representam uma visão a respeito do funcionamento e organização da sociedade romana.

Já a *priapeia* latina abre certas discussões a respeito da função protetora de Priapo que é uma das mais recorrentes entre os epigramas e, certamente, a mais viva entre os estudiosos dessa obra. Todavia, a função protetora do deus está diretamente ligada ao modelo de masculinidade agressiva e do falo como um agente violento, potente, inabalável. O comportamento fálico do deus, entendido enquanto a possibilidade de penetrar sexualmente todos os indivíduos, é antes uma característica do homem romano.

Por fim, pudemos entender como o cenário sócio-cultural romano emerge a partir de situações que se baseiam em questões muito mais gerais de opressão por parte de uma elite privilegiada, visto que tanto nos *carmina* catulianos quanto na *priapeia* latina, o contexto de produção dos gêneros aqui estudados está ligado aos contextos do cotidianos dessa classe favorecida, enquanto as marginalizadas são submetidos apenas como aqueles que dão prazer.

O homoerotismo e a violência na poesia romana revelam características sobre o sistema social e cultural da época estudada. Com isso, percebemos como os antigos representavam tais comportamentos, tidos hoje como tabu, e como tudo se estruturava a partir do cenário sócio-político e cultural.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Katia Teonia Costa de. O Homoerotismo como Modelo Universal de Amor no Poema 51 de Catulo. **Revista Cadmo**, Lisboa, v. 1, n. 25, p. 57-70, agos/set. 2016. Disponível em: [https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/o\\_homoerotismo\\_como\\_modelo\\_universal\\_de\\_amor\\_no\\_poema\\_51\\_de\\_catulo](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/o_homoerotismo_como_modelo_universal_de_amor_no_poema_51_de_catulo)> Acesso em Agosto de 2018.

CONTE, G. B. **Latin Literatura – A History**. Inglaterra: The Johns Hopkins University Press, 1994.

COZER, Alexandre. O Divino Falo de Priapo: debates em torno da sexualidade romana a partir de pompeia e da priapéia. **Veredas da História**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 73 – 103, julh, 2017. Disponível em <http://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs-2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/view/275/214>> Acesso em Agosto de 2018.

\_\_\_\_\_. **Os Falos de Priapo e as Masculinidades Romanas: Sexo, Humor e Religião na Priapeia (CIRCA SÉC. 1 D.C.)**. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FLORES, Guilherme Contijo. Que cada um cante seu amor. In: CARVALHO, R; FLORES, G. G; GOUVÊA, M. M. JR; OLIVA NETO, J. A. (Org). **Por Que Calar Nossos Amores? Poesia Homoerótica Latina**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 13 – 23.

FUNARI, Pedro Paulo A. Falos e Relações Sexuais: Representações Romanas para além da “Natureza”. In: FUNARI, P. P. A; FEITOSA, L. C; SILVA, G. J. (Org.). **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. São Paulo: Editora Unicamp, 2003. p. 317-326.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade do Saber**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

JESUS, Carlos Renato Rosário de. **Literatura Latina**. Apostila do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, 2017.

MORA, Carlos de Miguel. **Literatura Homoerótica Latina: critérios para uma definição - criterios para una definición de la literatura homoerótica latina (edição bilingue)**. Lisboa: INDEX ebooks, 2014.

\_\_\_\_\_. **Os Três Castigos de Priapo: O Sexo como Arma no *Corpus Priapeorum***. Lisboa: INDEX ebooks, 2011.

OLIVA NETO, João Angelo. Catulo: O Ciclo de Poemas a Juvêncio e mais dois Poemas. In: CARVALHO, R; FLORES, G. G; GOUVÊA, M. M. JR; OLIVA NETO, J. A. (Org). **Por Que Calar Nossos Amores? Poesia Homoerótica Latina**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 43 – 55.

\_\_\_\_\_. **Falo no Jardim: Priapéia Grega, Priapéia Latina**. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Livro de Catulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.s

POLASTRI, Bárbara Elisa; MORAES, Cláudia P. Fidelix de; ALVES, Diogo Martins *et al.* Catulo: Uma Nota Introdutória. **Revista Língua, Literatura e Ensino**. Campinas, v.n. 3. p. 451 – 459. Maio. 2008. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/145/121>> Acesso em Maio de 2018.

POSSANAI, Paulo César. O Homoerotismo na Roma Antiga. In: XVI Congresso de Humanidades. 2008, Natal. **Anais...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. pp. 12 – 22. Disponível em <<https://cchla.ufrn.br/humanidades/anais.html>> Acesso em Setembro de 2018

PUCCINI-DELBEY, Géraldine. **A Vida Sexual na Roma Antiga**. 1.ed. Tradução de Tiago Albuquerque Marques. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2010.

RUIZ, Arturo Soler. **Poemas/Cátulo & Elegías/Tibulo**. Madrid: Editora Gredos, 1993.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Persona Poética e Autor Empírico na Poesia Amorosa Romana**. São Paulo: Editora Unifesp, 2016.

\_\_\_\_\_. **O Cancioneiro de Lésbia. Introdução, Tradução e Notas**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

VEYNE, Paul. **Sexo e poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Elegia Erótica Romana**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

WILLIAMS, Craig A. **Roman Homosexuality. ideologies of masculinity in classical antiquity**. New York: Oxford University Press, 1999.